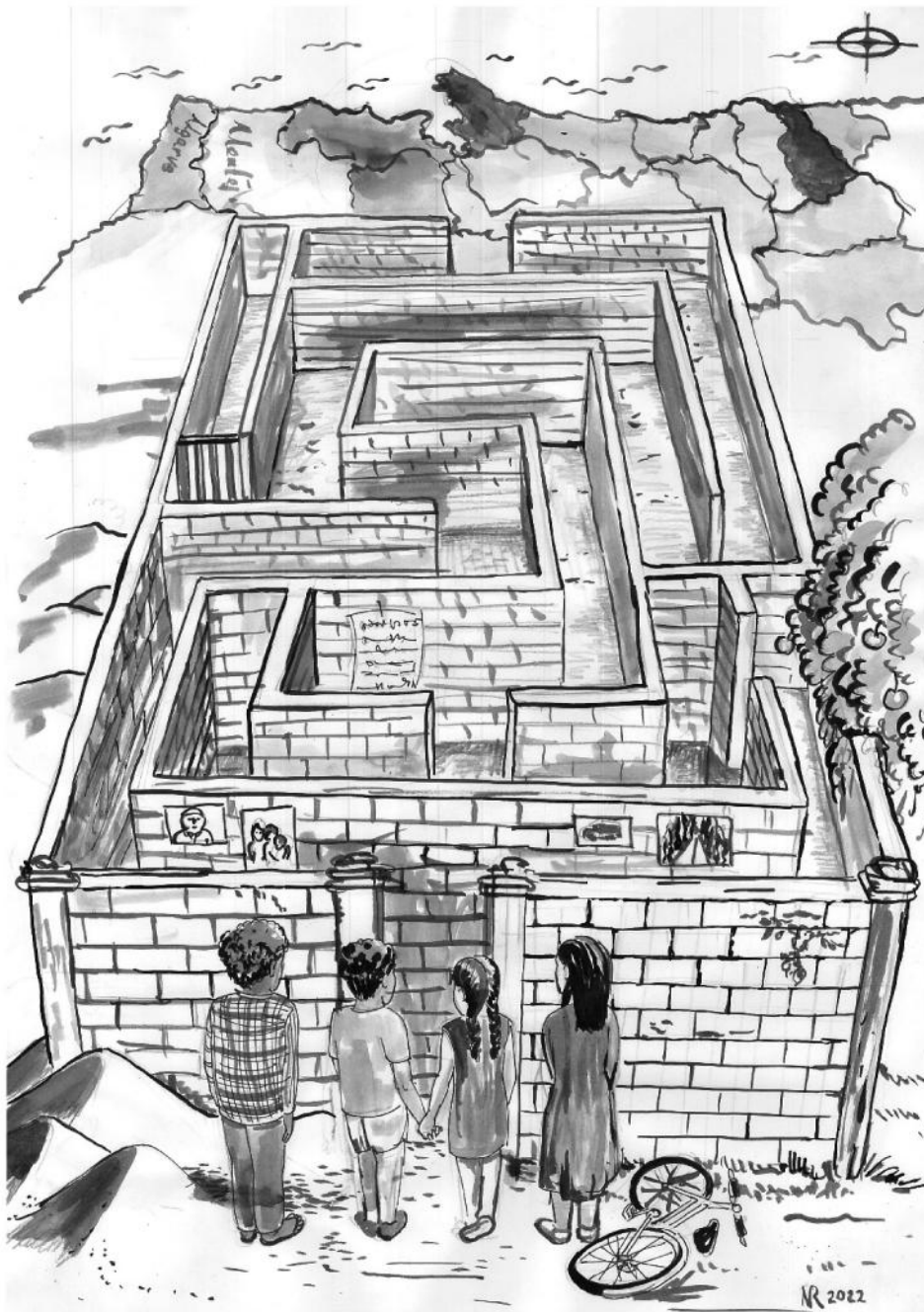


AINDA ESTOU PARA CHEGAR



A primeira memória é bruta.
A primeira memória é partir.
A última é igual, mas de vez.

*

O meu primo entrou em França
por saber verter a morte em verso.

O meu pai voltou a unir o poema desfeito
e remendou à mão a alma da minha irmã.

Nem assim me convenço.

O último poema dela
foi o primeiro e calou-se.
Também eu.

Arranco uma vida da terra
mais dura, de quase nada, mas

não se rompem os dias
iguais com tais cantigas.

*

A minha cabeça é o meu diário.
Só escrevo para falar com Deus.

E ele, como me disse
ao telefone a minha mãe,
vem-me buscar a Kabul.

Vou voltar a casa.

*

Tinha camisa, tinha calças
ao chegar, tinha estes pés.
Como quando jogava à bola
à beira da mesquita.
Para correr, terra batida.
Para viver, o que vier.

*

Tive uma bicicleta amarela.
Era Verão, minha para mim.

O ópio era um vento, levava
por dentro o pai para longe.

Fiquei eu e a minha mãe.

Vão e voltam, as memórias.

*

No didi odja futuru limpu

Estive entre berberes, entre morte e vida.
Um cais na berma do deserto, longe do destino.
Fiquei, de passagem, tempo demais.
Parti depois de barco, atraquei num porto.
Deito-me no sofá e ainda estou para chegar.

*

Largo as minhas palavras todas
em troca de umas férias longe

Deixaria, aliás, de bom grado,
morrer a minha história comigo.

Guardo as dores
noutro lado, para as comer
a meio do mês.

*

Queria que nos agarrássemos
à terra, o meu pai, ao tempo,
aos frutos que trazem as estações.
Agora, abre os dedos e chora.
Larga-nos, amargo, neste mundo.

*

O passado
já me ocupa, não
lhe tranco a porta.
Corpo estranho que partiu,
longe e meu, ao perto frio.
Deixo-o entrar, se vier.
Conversamos.
Entendemo-nos, nós.
Não me faças tantas perguntas.

*

Chamo pela morte, que não tem pressa.

Não tem tecto, mas tem muros, este
Portugal, onde pouco se nasce e mal.

E eu ando aqui rouca de não ter voz.

Que Deus não reina na terra.
Deu forma a febres passageiras.
É a luz de antes e a luz depois.

Aponta-me um caminho
que a brisa que corre entre grades
ou as flores que brotam quando chove
são desastres sem saída,
porque espero.

Se as lágrimas abrirem portas, toda eu pranto.
Até que o eterno ventre acolha o meu retorno.

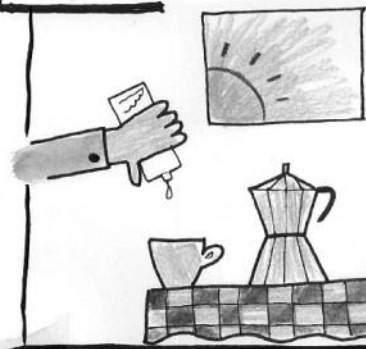
Por fim serão os tempos todos idos.

**Miguel Cardoso com Ramin, Satcho e Zhara
do Centro Português de Refugiados
Ilustração de Nadine Rodrigues**

PA PA PALAVRAS

Tal como nós, que andamos sempre a correr desembastados pelo labirinto de salas da Escola nº 10, esta estória começa como uma leitura furiosa, está sempre a entrar e a sair de estórias.

O meu pai começa todos os dias com café ao pequeno-almoço, é um hábito de família. Por exemplo, sempre vi a minha bisavo beber café com leite e comer torradas ao jantar, tal e qual como no pequeno-almoço (ela diz "mata-bicho"), só que é à noite.



Acho que logo de manhã, antes do café, deve ser a melhor altura do dia para enganar os adultos quando lhes mostramos que contamos 11 dedos nas nossas duas mãos.

Até há pouco tempo o meu pai bebia café com leite, agora já não. Não é por ter ficado intolerante à lactose que já não bebe, é só porque a minha irmã bebe o leite e depois não há para o café dele. A Alice diz que a mãe também inicia o dia com um café. A mãe diz-lhe que só assim é que a cabeça dela trabalha, que, sem café, as engrenagens do cérebro não iniciam a rotação e que sem a cabeça a funcionar não consegue pensar.

O Sapolino, que gosta muito de palavras, diz que, se fecharmos os olhos, o cérebro não apanha luz, é como fechar uma janela, pois os olhos fazem parte do cérebro. O



Sapolino é um bicho que tem 2 cérebros e vive na árvore mais antiga do Castelo de Lisboa, que está no recreio da nossa escola. É tão antiga, que há lendas que dizem que é do tempo em que ainda não havia livros e as estórias saltavam duma boca para a orelha mais próxima. Isso era no tempo em que ainda não havia livros. Agora as estórias entram pelos olhos, passam no cérebro onde são filtradas e depois saltam para os livros.



Nós agora não podemos levar os livros para fora da nossa biblioteca, antes dava para levarmos e lermos onde quiséssemos. É uma regra, não é uma proibição.

Proibir é outra coisa. Proibir é como antes do 25 de Abril, ou então é como naquela outra estória do país onde não se podiam atirar pedras... Naquele país não se podiam atirar pedras porque era debaixo destas que os duendes faziam as suas casas. É uma proibição boa, porque assim protegia os duendes de ficarem com as casas destruídas. Não é como na Coreia do Norte onde é proibido ter um "Caderno de Escrita Livre".



Os meus amigos e eu gostamos muito de palavras (tal como o Sapolino) e por isso andamos com os nossos "Cadernos de Escrita Livre" onde cada um escreve as estórias que quer. Gostamos também de descobrir novas palavras e palavras que existem noutras línguas e por isso inventámos um jogo; o "Jogo do Dedo Tradutor". Tal como naquelas máquinas que existem nos cafés, em que um braço mecânico escolhe um ovo de plástico com uma bola saltitante lá dentro; deixamos cair o nosso dedo em cima de um texto escrito nos nossos cadernos, a palavra que calha é logo traduzida em todas as línguas faladas na escola. Por vezes quando o dedo é torto, acerta em mais do que uma palavra e é assim que aparecem palavras como *chakalitanka* ou *chocabiné*. Todos lá na escola sabem agora como se diz tanque ou piscina de chocolate derretido, respetivamente, em mandarim e em quimbundo.

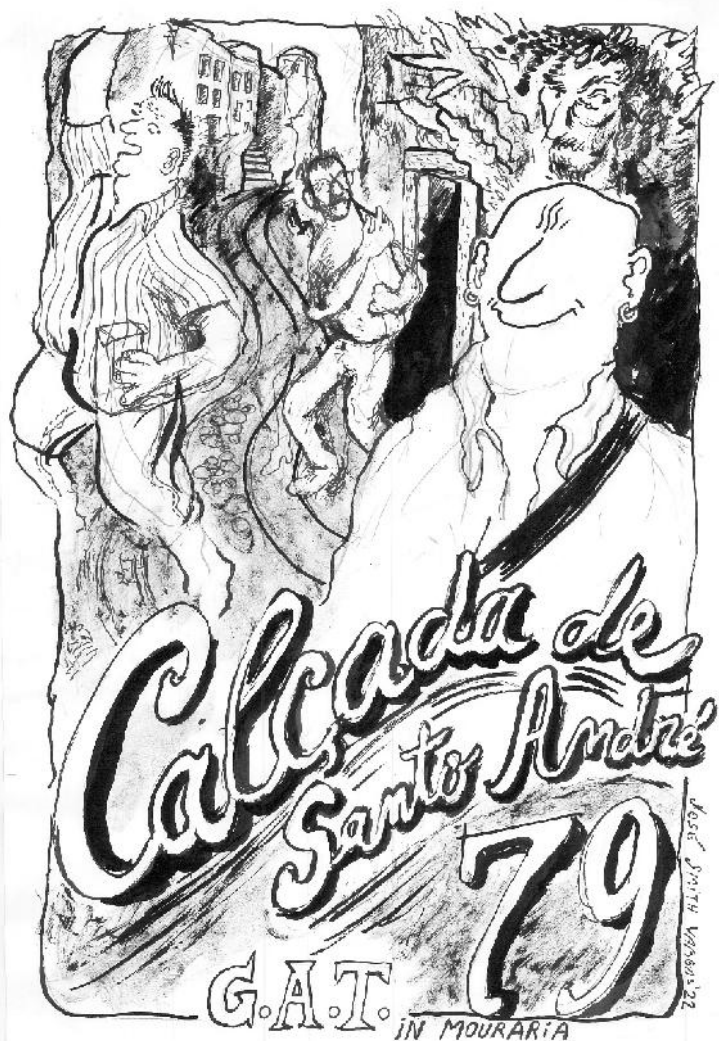


Os livros podem também guardar palavras que já não existem, ou podem guardar palavras que se transformaram porque agora se escrevem com outras letras. Assim um livro pode ser também um museu com letras, lá dentro estão guardadas palavras que podemos visitar sempre que quisermos. Sempre que quisermos saber alguma coisa sobre um qualquer assunto podemos procurar num livro e podemos sempre procurar livros numa biblioteca, tal como na biblioteca da nossa escola nº 10.

Dedo Mau com Afonso Liu, Gustavo Spencer, Joana Krich, Madalena Costa, Madalena Izata, Pilar Raposo, Zéfiro Fonte e Shrijita Adhikari
Ilustração de Dedo Mau

CALÇADA DE SANTO ANDRÉ, 79

O Alexandre gosta muito da ópera Nabucco. Um dia, decidiu ir vê-la a Verona. Pegou num dicionário e aprendeu: «Io voglio sapere.» Ligou para a Arena de Verona e disse «Io voglio sapere...», mas não sabia mais: desligou. Viveu apagado 12 anos, a ouvir a Antena 1. Deitado, cheio de comprimidos, a pensar como é que ia dormir, como é que ia arranjar comprimidos para dormir, e a ouvir a Antena 1. Em miúdo, o João lia «O Poder Mental». Aquilo expandia-lhe o raciocínio, mas depois veio o «boi», que era como o pessoal de Angola chamava à erva. O irmão mais velho gostava muito dele e queria atar-lhe as mãos e os pés à cama até que lhe passasse o vício. Tinha orgulho nele, por ele fazer todos os trabalhos. Mas João nunca se aguentou num lugar. Nem com empregos nem com mulheres. Gosta é de tudo o que faça clorofila. Sabe os cheiros das plantas, na aldeia até lhe chamavam ancião. Aos 52 anos, amarrou um cabo ao pescoço, atirou-se pela janela e partiu um pé. O Alexandre fazia rádio-pirata na Rádio Amizade, com o programa Rádio Cartaz. Fugiam à polícia, e entrevistaram o Guilherme de Melo. Trabalhava à noite numa empresa de segurança e dormia de dia. Ganhava dinheiro, mas avariou os sonos. Passou a tomar comprimidos para dormir, e aos 40 anos teve um colapso, meteu-se ainda mais nos drunfos, no crack, na ganza. Passava de autocarro pelo Casal Ventoso, via as pessoas na rua, e pensava: não hei de morrer assim. Nunca se meteu na heroína. O Fernando bebe do pacote porque sente um vazio. O João diz que conhece esse vazio e que o preenche com espaços verdes. Para o Alexandre, a rua foi o melhor que lhe aconteceu: percebeu que pode ser invisível. O Fernando diz que é bom o GAT deixá-lo usar aquela morada. O sistema acha que as pessoas que dormem nas ruas de Lisboa não são de Lisboa e manda-as para os concelhos de origem. O Fernando diz que, se não fosse o GAT, continuava na rua. O Pedro viveu no mato, em Monsanto. Queria escavar um buraco e meter-se lá. Depois arranjou casa, e foi ele que ajudou o João quando este precisou de um lugar para ficar. O Fernando dormiu debaixo das arcadas, com outros. Se havia queixas, a Junta levava para lá uma máquina de lavar a rua, a ver se os enxotavam. O Alexandre trabalhava nos dias úteis e, ao fim de semana, deixava-se ir. O João também, até lhe chamavam o Freak Fim-de-Semana. Mas depois as coisas descontrolam-se. O Pedro diz que acharam cocaína nos túmulos dos egípcios. Que 3 continentes foram ao fundo. Que há uma cidade por baixo do Triângulo das Bermudas. O João diz que é um penedo feito de magnetite. Em miúdo, interessava-se por Da Vinci e fazia máquinas de água a ferver. Aos 14 anos, levava um camião Bedford para os Sete Moinhos. O Pedro anda a trabalhar nas marchas. O Fernando vai fazer uma formação em análise alimentar. O Alexandre gosta muito do Casablanca, principalmente do Bogart. Não gosta tanto da Bergman, acha que ela tem pouca expressão. Oh, diz o João, isso é por ser a preto e branco.



Jacinto Lucas Pires com Alexandre, João, Fernando, Pedro no G.A.T. in Mouraria
Ilustração de José Smith Vargas

SUPER-HOTEL-MERCADO

O evento estava abarrotado de gente, apesar das recomendações das autoridades de se evitar aglomerações. O Palhaço Janota, herói dos media e dos grupos económicos, junto com outros executivos, também estava presente, do jeito que a televisão gosta, todo faceiro e achando-se o maioral.

Eles estavam lá para explodir a casa, outrora muitos de nós, quando enclausurados dentro dela, imaginamos também em algum delírio mais egoísta, realizar tal façanha, mas jamais para transformá-la num grande hotel ou num supermercado, ou numa coisa híbrida, tipo um super-hotel-mercado! Mas era para isso mesmo que aquelas celebridades estavam ali, para explodir a nossa velha escola... Apesar de tudo, podemos lhe chamar de escola, foi um lar testemunha de dores, mas também de alegrias. Até hoje trazemos connosco os fantasmas daquela altura, só que em vez de nos assombrar, aconselham-nos.

Se o projeto deles era explodir o que já fora a nossa casa, o nosso era impedir isso. Deixar aquelas paredes em pé, era manter o nosso legado para as futuras gerações...

O plano correu como um relógio. Não invadimos nada, não se invade aquilo que já foi o nosso lar, certo? Nossa malta já lá estava, desde a noite anterior, muito antes das autoridades chegarem, ou até mesmo dos seguranças. O MK2 subtraiu os cabos de ligação das cargas, Furtado distribuiu os panfletos com nosso manifesto, JP, de um jeito só dele, deixou todas as fechaduras destravadas e, enquanto CBGS

filmava tudo com um telemóvel, Rola sorrateiramente subiu ao palanque e começou a falar aos presentes sobre a importância daquele edifício para a cidade. Então os seguranças partiram para cima dele, quando, de repente, GBell que estava no meio da plateia com um altifalante, começou a mandar umas rimas, as pessoas a princípio atónitas, aos poucos começaram a acompanhá-lo balançando timidamente as cabeças, outros seguranças tentaram silenciá-lo, mas GV, que se formara advogado, estava do lado do rapper, com *habeas corpus* em mãos e não permitiu que o levassem.

No meio daquela confusão, o Palhaço Janota armado com o detonador na mão, gritou ameaçadoramente! Todos olharam apreensivos para ele... Ele apertou o botão e houve uma explosão, mas tão pequenina, que nenhuma parede cedeu, apenas uma janela se partiu. Todos riram do palhaço e apesar de MK2 ter se esquecido de desarmar aquela carga, não foi grave, foi até bonito... Por causa do estrondo, vários pássaros alçaram voo ao mesmo tempo. Naquele instante, a máxima: «mais vale um pássaro na mão do que dois a voar!» deixou de fazer sentido...



Sama com MK2, Furtado, JP, CBGS, Rola, GBell, GV e MGF no Centro Educativo Santo António
Ilustração de Miguel Carneiro

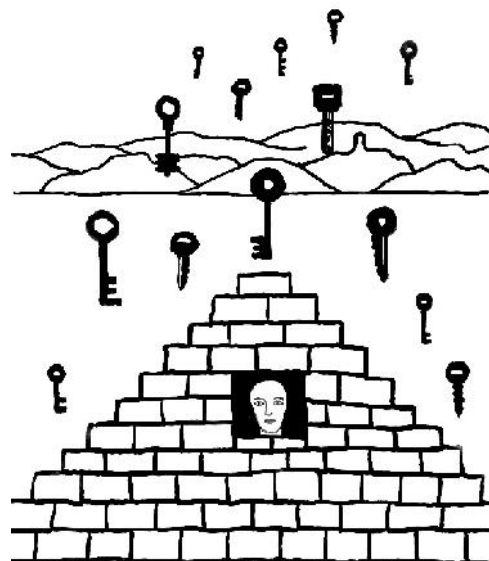
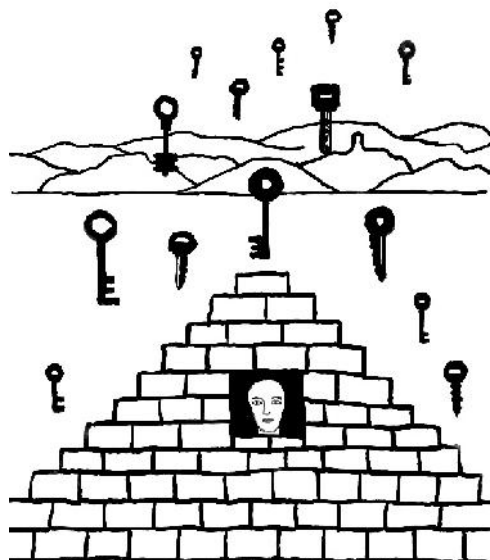
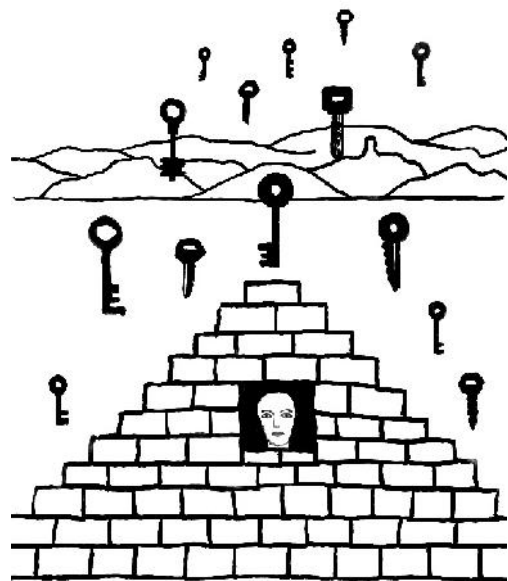
NÃO RIMAR COM NADA

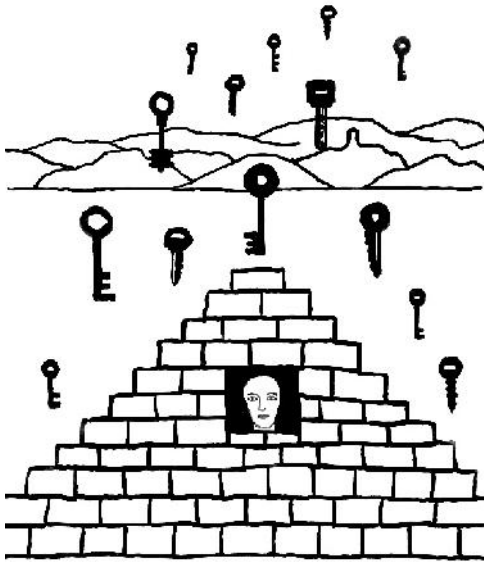
Conheci um gajo
Talvez também o conheças
Que não gostava de ninguém
Odiava os pais
Que ora não tinham tempo para lhe dedicar
Ora o sufocavam com mimos, lhe cortavam as asas
E julgavam saber melhor do que ele o que lhe convinha
Enterrou os pais no fundo do coração
E colocou uma pedra sobre a memória que deles tinha
Da infância não guarda nem amor nem saudade

Conheci um gajo
Talvez também o conheças
Que não gostava de ninguém
Odiava os irmãos
Que lhe roubavam a atenção da mãe
Que ora lhe gamavam ora lhe quebravam os brinquedos
E recusavam vergar-se à sua autoridade
Enterrou os irmãos no fundo do coração
E colocou uma pedra sobre a memória que deles tinha
A sua infância não fez florir amor nem esperança

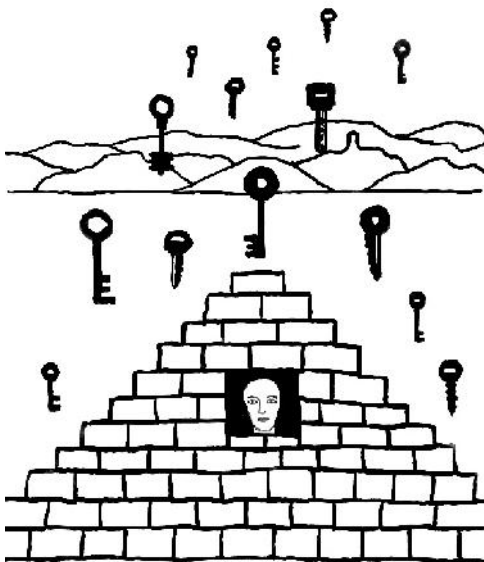
Conheci um gajo
Talvez também o conheças
Que não gostava de ninguém
Odiava os companheiros
Que ora se opunham a deixá-lo ganhar sempre
Ora se negavam a partilhar com ele a semanada
E por vezes até se atreviam a rir dele à socapa
Enterrou os companheiros no fundo do coração
E colocou uma pedra sobre a memória que deles tinha
Em lugar do amor prefere indiscutivelmente o sucesso

Conheci um gajo
Talvez também o conheças
Que não gostava de ninguém
Odiava os transeuntes
Que ora o olhavam com indiferença
Ora nem sequer o viam e por descuido o atropelavam
Invadiam e pisavam as suas áreas de jogo nos passeios
Enterrou os transeuntes no fundo do coração
E colocou uma pedra sobre a memória que deles tinha
Descrente de amores e encontros, contenta-se com o sonho

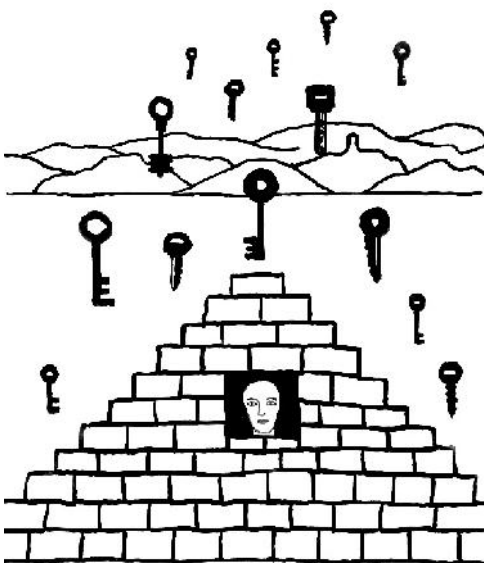




Conheci um gajo
Talvez também o conheças
Que não gostava de ninguém
Odiava os otários
Que ora sem dar por ela se deixavam depenar por ele
Ora protestavam e punham o bairro em alvoroço
Em vez de, aliviados de demasias, lhe ficarem gratos
Enterrou os otários no fundo do coração
E colocou uma pedra sobre a memória que deles tinha
Aos jogos do amor prefere os jogos da sorte



Conheci um gajo
Talvez também o conheças
Que não gostava de ninguém
Odiava os chuis
Que ora o perseguiram mal lhe punham a vista em cima
Ora o esperavam escondidos atrás da caixa registadora
E lhe prometiam penas pesadas e grandes arrependimentos
Enterrou os chuis no fundo do coração
E colocou uma pedra sobre a memória que deles tinha
Escolheu de antemão entre o amor ou a liberdade



Conheci um gajo
Talvez também o conheças
Que não gostava de ninguém
Odiava a sua própria pessoa
Que tentava em vão convencer-se das suas próprias mentiras
Ou procurava cegar-se acerca da sua própria cobardia
E tinha constantemente de fazer de conta, na alegria e na mágoa
Enterrou a inocência no fundo do coração
E colocou uma pedra sobre a memória que deles tinha
Não podendo receber ou dar amor, vive com a tristeza

Acumulou tantas pedras no fundo do coração
Que sem se dar conta construiu uma prisão
Sem chave nem fechadura porque sem porta
E fechou-se lá dentro

Saguenail com Campeão, Mystic, Pisca, The Amazing, Escobar, Castilha e El Ciapo
no Centro Educativo Santo António
Ilustração de João Alves



FUTUROS

Tu terás um mundo a descobrir nas cidades, campos, países e oceanos. Terás os risos e as lágrimas, os terrenos baldios para fazer renascer, repovoar com artes, pessoas e projectos. Assim como terás os mal-educados e os egoístas, os apressados que só te darão oito segundos para sair do comboio. Terás ecrãs por onde escapar e explorar paisagens bonitas ou páginas de livros.

Como terás pedras lançadas aos vidros da tua casa.

Terás os viajantes enervados pela agitação dos indiferentes, seres à parte, mas no fundo, nem por isso, seres que vivem noutra esfera, de coração latejante, e a quem se aponta entre dentes a diferença como uma vergonha.

É pouco provável que vejas um galo sem cabeça a correr na capoeira, como desmiolados são aqueles que conduzem de olhos postos no telemóvel.

Assim como de certeza que não verás essas ovelhas infladas como balões, um cano enfiado nos quartos-traseiros, para arrancar-lhes a pele e fazer um casaco, ou, porque não, um tapete quentinho todo lã e doçura.

Vais querer dizer palavras feias e, sem dúvida, as vais ouvir sem ter o direito de repeti-las.

Vais guardá-las na tua cabeça como se guarda um tesouro escondido ao abrigo dos curiosos, ou então,

uma vez por semana, aos domingos, vais poder gritá-la bem forte, fechado sozinho em casas-de-banho, para te aliviasses desse peso enorme e dessa vontade premente de gritar: PUTA!

Aprenderás a aborrecer-te para ser feliz, porque aborrecer-se é deixar o espírito aquietar-se e criar um imenso espaço para ser livre, inventar, imaginar, superar-se a si mesmo.

E terás «amisteres», amigos misteriosos e reconfortantes como um hamster.

E quando descascares e cortares cebola, vais usar os teus óculos de natação para não chorares, é a única maneira.

Umás vezes dormirás bem, outras mal. Tudo dependerá do colchão, da luz azul, do ar no quarto, ou do que resta no teu estômago.

À noite, vais lançar-te nas profundezas, depois virás à superfície, como um mergulhador explorador, ou uma mergulhadora exploradora (porque as raparigas sabem fazer tudo o que os rapazes fazem, e quem disser o contrário diz uma velha e poeirenta mentira).

E antes de dormir não te esqueças: abre a janela para deixar entrar os sonhos e queima uma folha de salva branca para afastar os pesadelos.

Vais andar à procura de quem és e vais encontrar quem não és.

Vais ter o que queres e o que não queres.

Vais estar sozinho com alegria e com tristeza (estar sozinho é bom, mas não por muito tempo, uma forma de abrandar, de tomar fôlego, contemplar a vida que passa).

Irás aqui e ali à procura de um lugar para ti e para os famosos «amisteres» que percorrerão um longo caminho contigo.

Sim, terás o teu próprio mundo se o construíres e protegeres com as tuas mãos e o teu coração.

Hafid Aggoune com Rahamia, Karine, Sabine, Laurine, Laureline

Tradução de Cláudia Oliveira

Ilustração de André Zetlaoui

UM DIA VOU VIVER NUM ARCO-ÍRIS

Há dois mundos: o mundo real e o mundo dos sonhos.

O mundo real nem sempre consegues perceber. Fala de amor, de vida, de morte com as palavras cheias de mistério, como um rap americano. Tu cantas, mas não sabes o que quer dizer. As palavras são demasiado sofisticadas, demasiado americanas, ou as duas coisas. Mas não é isso que conta. O ritmo, o som, a música estão lá, fazem-te mexer e põe-te em sincronização – esta palavra não percebes muito bem, é erudita e cheia da felicidade misteriosa dos corpos que dançam ao mesmo tempo, dos corações que batem ao mesmo tempo. A música está no corpo, no coração, na cabeça. A música está no mundo real, mas tu deixa-la «libertar-te, soltar-te» e, se imaginares o que ela te conta, então, também ela habita um pouco o mundo dos sonhos.

O mundo dos sonhos percebes ainda pior. Ouves as ambulâncias e os carros da polícia, os helicópteros, o ruído dos passos, os bum bum. Vês vacas imensas a correr por uma praça, bonecas possuídas como se fossem bombas cujos olhos, mãos e pés se mexem. Comes lasanhas gigantes e bolachas-diamante cobertas de vidro. És raptada por um carro em que as portas não se abrem, é ele que te recebe no seu ventre e que conduz sozinho. És perseguida por um palhaço assassino maquilhado de branco, preto e

vermelho. Por vezes, sonhas com cheiros, com plástico queimado. Decididamente, no mundo dos sonhos, passam-se coisas que não acontecem na vida real. Isoladamente, sim, cada coisa é real, mas o conjunto não o é.

Há, no entanto, sonhos que gostarias de ver tornados realidade. Obter um bom diploma, tornares-te influencer, estudar ciências, ser rica e de boa saúde, tratar de imensos animais, viver num castelo, como uma rainha, mandar no país inteiro, empalar aqueles que te fazem mal ou expulsá-los do reino, embrulhem! Saber tudo como o Einstein, ser a mais inteligente do mundo, ver o dinheiro cair do céu. Ou então viver num mundo onde já não haja poluição, já não haja Covid, nem dinheiro nem pobres, onde os passarinhos escapam à bocarra do lobo mau e malcheiroso; viver num arco-íris, só de amor, de livros e de óculos que se acendem sozinhos.

Havíamos de viver bem, nesse mundo dos sonhos verdadeiros. Os gatos Lúcifer, os coelhos amorosos, os pandas, as canetas-mão, os telefones, todos ganhariam vida para nos consolar, proteger, para nos rodear de doçura. Podíamos mesmo ficar com os nossos irmãos mais novos, ainda que, de vez em quando, nos aborreçam.

Este mundo, um dia, existirá a valer. Tu vais tirar-lhe uma fotografia com a tua máquina instantânea. E porás a fotografia por baixo de um vidro, vais emoldurá-la, e, todas as noites, adormecerás diante dela, para ter sonhos bonitos.

Ella Balaert com Ambre, Imaia, Jenna, Kevin, Maëlys, Shaima, Corinne e Sylvie
Tradução de Mariana Vieira
Ilustração de Leslie Dumortier



EU CÁ SINTO-ME FANTASMA

Eu cá sinto-me fantasma. Os meus irmãos, sabes, não me vêem. Nem o meu pai, nem a minha mãe. Excepto quando eu parto coisas. Quando não estou onde devia estar.

Eu chamo-me Noé. Sem o saber, fui a sombra da minha irmã e não o sabia. Ela nasceu oito anos depois de mim, e então o meu pai deitou o N do meu nome. Ela chama-se Zoé. E eu, dei comigo apagado.

Apagar-me, eu sei fazê-lo. Sou mesmo muito bom nisso. E também sei fazer batota sem se dar conta. Quando quero, desapareço. Sobretudo nos dias da minha irmã má. Do meu pai furioso. Espero. Sei que, a certa altura, o dia volta a ser bom.

Eu só percebo os livros quando falam de mim. Os livros são farândolas de letras, que fazem dançar as palavras. Mas quando há muita escrita eu perco a história, passa-me a coisa ao lado. E, além disso, por causa das minhas enxaquecas, compreendo mal as palavras.

Eu cá gosto de ouvir uma língua estrangeira. Porque é melhor não a compreender. Não compreender isso mantém-me na inocência. Na minha infância, de punhos fechados.

Um dia, hei-de partir, para longe. Falarei com outras palavras, tenho a certeza. Ouvirei outros sons, terei mesmo, se calhar, outro nome. Um nome maior, um nome tão doce que só se diz murmurando ao ouvido. E não direi o meu nome, esse nome novinho, a qualquer pessoa.

Em minha casa, toda a gente nasceu em Abril. Na Primavera. Mesmo o meu irmão bebé, que nasceu no mesmo dia que eu. A Primavera é o tempo das rosas. E a rosa é também a cor das coisas escondidas. É também a cor das bochechas do meu avô, que perde a memória em cima da toalha branca. Eu fico ao pé dele, como se estando mais perto isso pudesse fazer aparecer as palavras. Agarro na mão dele, guardo-a um bom bocado na minha, através da mão dele sinto-o respirar, gostava tanto que ele se lembrasse de mim. Isso faz-me um bocadinho de medo, quando ele não fala, porque é como se nunca me tivesse conhecido. É como o Inverno. E eu só gosto do Inverno quando neva.

Gostava às vezes de ir à Polinésia, só para ver a cor do mar; tocar na areia tão quente que me queimava os pés. Gostava de ir aos países onde a minha avó já não vive, só para ver. E depois ir lá onde nasceu o meu pai, poder imaginá-lo pequeno. Ainda mais pequeno do que eu sou agora.

E, no fim, partir em caravana lá para baixo em França. Gosto de não saber ainda como será, lá em baixo. Lá em baixo, quando vem a Lua, parece que podemos nascer dum ovo. E recomeçar tudo. Mesmo as palavras.

O que eu prefiro é «cantar». Porque, quando canto, as palavras já não estão paradas.



**Nadine Brun-Cosme com Zoé, Noé, Agathe, Zoé, Mélyne, Yannis,
Laurine, Marion, Loona, Aude
Tradução de João Rodrigues
Ilustração de Dominique Scaglia**

COMO METER UM ELEFANTE NO FRIGORÍFICO

Sou, claramente, o elefante nesta sala. E, como toda a gente sabe, um elefante sentado numa cadeira, com os olhos dos outros postos em si, não pára de crescer. E quanto mais cresce, mais o elefante se sente desconfortável. O que fazem então os elefantes nestas ocasiões? Falam. Mesmo sem saber bem o que dizem, falam e falam e falam. Isto na esperança de que a coisa se inverta e regressem a um estado mais discreto e mais aceitável, algo como a invisibilidade. Sim, o sonho dos elefantes da minha espécie é serem invisíveis. O problema é que alcançando a invisibilidade, os elefantes começam a lamentar-se que ninguém os nota, que ninguém vê os seus feitos geniais – enfim, uma canseira triste que lembra um fado demasiado familiar. Todos os elefantes como eu aspiram secretamente a ser um Leonardo da Vinci de trombas.

Estamos nesta casa. Uma casa, sim, mas temporária. Talvez todas as casas o sejam, é certo, e o que diferencie esta seja simplesmente a brevidade da vossa passagem por ela. Mas que sei eu, que rapidamente voltarei para o conforto da minha, da forma como cada um de vós vive o tempo e o lugar?! Nada. Quiçá, ainda menos.

Cheguei aqui pelos livros que escrevi e pelos que ajudei a publicar, mas isso foi apenas o pretexto para este nosso encontro aqui e agora. Regressemos antes, e num ápice, a essa primordial casa: a das questões. Quem somos? De onde vimos? Quanto ao para onde vamos, já lá iremos. Então?! Pensavam que eu iria ser o único elefante na sala? Não sabiam que um elefante só relaxa quando encontra a sua manada? Contem lá sobre as vossas leituras: as que fizeram e as que não fizeram, o que vos motiva e o que vos afasta ou afastou dos livros. Ler é, apesar de todas as condicionantes, uma escolha. Uma escolha para quem teve a oportunidade de aprender a ler, claro. E escolher é um exercício de liberdade. Ler é ser livre. Como não amar uma língua que tanto aproxima o livro do livre?



Apesar de trazer a mochila cheia de livros, talvez por prevenção ou narcisismo, vim encontrar nesta sala vários outros. E não me refiro àqueles que atrás de mim compõem a estante que pouco uso tem. Falo desses outros que vos apaixonaram, permanecendo ainda vivos dentro de vós, e que são matéria dos homens que sois, hoje e amanhã. Essa construção permanente que também se pode chamar casa. E dessa ninguém vos pode despejar.

Também eu vou construindo assim a minha. Com experiências e encontros como este, onde me descubro um pouco mais e me imagino mais além. Nesta casa onde a despensa é preenchida, não pelo frigorífico em si, mas pelo desenho de um belo modelo que, quando aberto, nos revela, não um bom bife da vazia ou uma dourada fresquinha, mas o Leonardo da Vinci que de lá salta, vestido com uma camisola do Futebol Clube do Porto?

João Pedro Azul com António Branco, António Frutuoso, António Tavares, Avelino Silva, Carlos Sousa, João Ferreira, João Tristão, Joaquim Maia, Leonardo Mendes, Nelson Martinez, Paulo Almeida, Renato Pinto, Silvano Dutra e Nuno Sousa na Casa da Rua
Ilustração de Nuno Sousa

ENCONTRO

Chego com o meu coração de chuva, que chovem ruínas, que chovem pedras. É de manhã, no carro, não sei grande coisa.

Depois chegamos.

Cayeux, na costa, seguimos ao longo do mar, estamos à beira-mar, receio transbordar, saímos do carro, continuo a saber pouco.

Há palhaços, autores, autores de trocadilhos, há café, à volta da mesa. Acolhemo-nos uns aos outros, experimentamo-nos. Tudo é delicado. Rimos, um pouco tímidos, inventamo-nos totens: tu és uma gazela! E tu um leão! Mas tu afinal... talvez rã?

Depois instalamo-nos os quatro, no calor do encontro, sem protocolo. Está tudo.

Eu conto-vos, eles contam-nos, eles contam uns aos outros, que não somos livres, que somos perseguidos, era em Mers, eu quero partir, eles maltrataram-me, tudo ardeu. Ela tinha 40 anos.

A delicadeza que descreve os vulcões. Receio transbordar.

Depois juntamo-nos aos palhaços, no restaurante. «Olhem, há uma pedra nos meus mexilhões!» «Que fazes tu na Ajuda pelo Trabalho? – Pulo e pinto casinhas – Tu picas e pões casinhas?» «Onde pus eu os meus comprimidos? – Tu comprimiste os comprimidos?»

Rimos, crianças, latas, ligeiras, longe dos vulcões. Vou transbordar.

Depois retomamos a viagem, a viagem dos encontros, corajosa, face a face, na pequena sala.

Conhecemo-nos desde sempre, talvez.

«A tua altura de tecto é quê, 2 metros, 2 metros e 20?» «O dentista d'Abbeville, nunca mais.» «A minha mãe não tem tido notícias dele.» «O trajecto, domingo, angustia-me.» «Ele chama-se Sullivan.» «Se eu fosse um super-homem...» «O meu irmão conhece a tua irmã!»

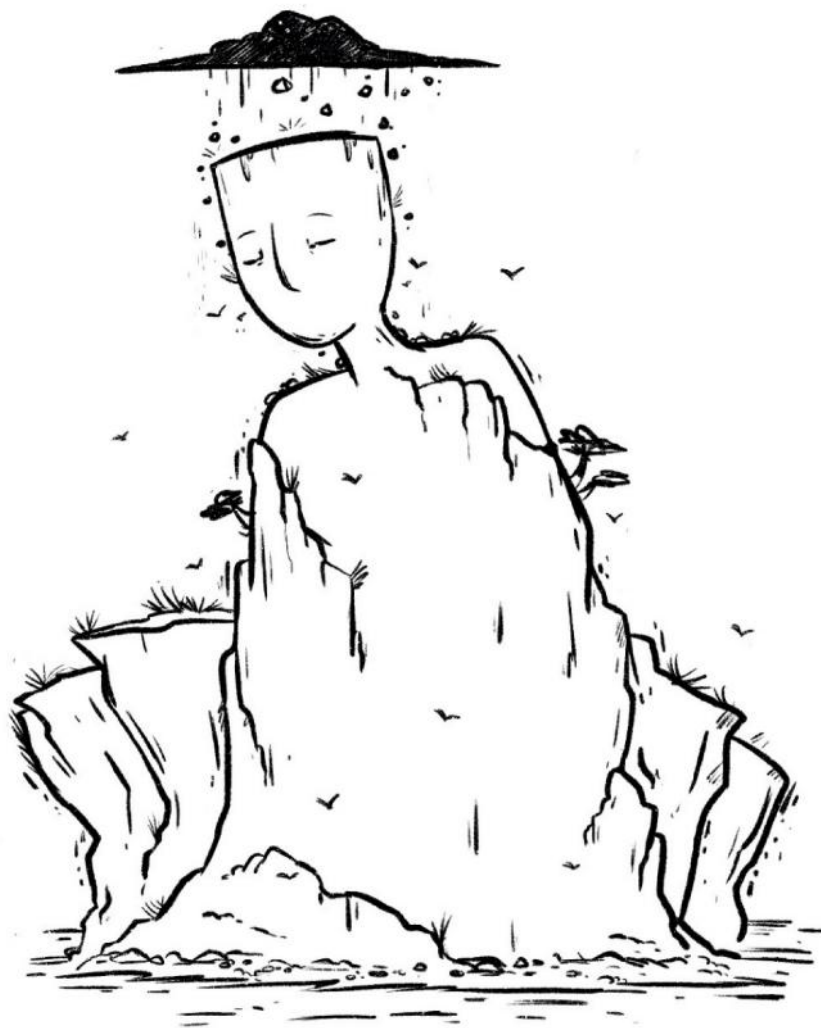
A vida comum. A vida magistral.

O meu coração de chuva enche-se de cor, tem tons maravilhosos.

No carro, trajecto de regresso, percebo de que transbordo.

De humildade.

Anne Jeanson com Émilie Leroy, Yannick Batté e Dorian Bruyère em Cayeux-sur-mer
Tradução de João Rodrigues
Ilustração de Leslie Dumortier



AS PALAVRAS DO MUNDO

Diz-me as palavras do mundo. Todas as palavras. As palavras de todos os mundos. Os sons de outros lugares. As músicas de outras gentes. Na tua língua, há quatro letras diferentes para o que eu chamo «H». Enquanto que na minha o «H» não se ouve.

Cahier. Noutbouki. Quaderno. Deftar. Tetratj. Fletore. Bouk. Ioué.

Tu, tu não consegues dizer «U». É preciso arredondar a boca, colar a língua ao palato. Alongar o pescoço, como uma avestruz. É completamente fechado. É difícil.

Nuage. Groubeli. Nuvole. Isignew. Sayab. Obleka. Vetim. Claoud. Iri.

Eu falo contigo. Tu falas comigo. Não tenho a certeza de compreender tudo o que me dizes. Ouço-te com um sorriso cortês, abanando a cabeça de vez em quando. Para te motivar a falares comigo. Mesmo que não compreenda tudo. Respondo-te. Também tu me ouves com um sorriso cortês.

Printemps. Gazapkouli. Primavera. Erbiz. Iesna. Pranvera. Spring. Oyé.

Talvez também tu não me compreendas.

Talvez nem me tenhas dito o que julguei que compreendi. Talvez me digas «Primavera» e eu ouça «Nuvem». Não tem muita importância. Além disso, há palavras que são as mesmas em todas as línguas, ou quase.

Portable. Telephoni. Telefono. Telefon. Telephone. Evo Ibani Soro.

Preciso de continuar a ouvir-te. Quero fechar os olhos, para ouvir melhor. Sem sequer tentar compreender. Tu achas que, no fim de contas, não há muitas diferenças entre a vida no teu país e no meu. Dizes que, num país estrangeiro, o mais difícil não é pedir direcções ou obter informações. O que querias era ter uma conversa. Falar com os teus vizinhos.

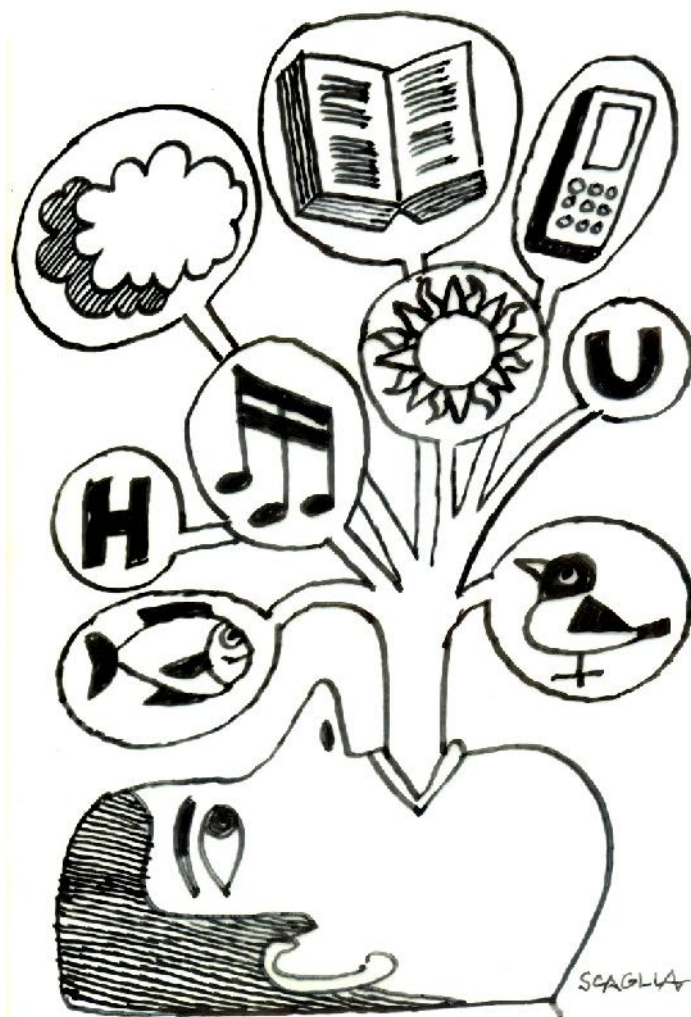
Pelo menos, é isso que eu compreendo. Talvez me engane. Talvez invente. Isso não tem importância nenhuma. Fecho os olhos e ouço-te. Só pela música. Tu falas mil línguas e eu queria que nunca te calasses. Na tua voz, ouço o canto do mundo.

Tskhovreba. Vita. Tudert. Zayt. Gyzn. Jeta. Laillefe. Emi. La vie.

Nicolas Jaillet com Nino, Zara, Ramdraz, Ziaourahmou, Nounou, Valbona

Tradução Diana Dionísio

Ilustração de Dominique Scaglia





COCKPIT

O céu carregava nuvens cinzentas como os muros à sua volta. As mãos nos bolsos do casaco, Suzanne caminhava nas ruas desertas onde ressoava o ruído dos seus passos. Mais um dia sem horas. Mais um dia sem destino. Se tivesse pelo menos alguém, uma amiga ou um namorado, com quem falar. Mas não. Desde a sua chegada a esta cidade, não tinha conhecido ninguém, e, conhecendo-a, não parecia haver nenhuma razão para que isso mudasse. Além disso, de que poderia ela falar senão dos barcos que observava deixando o porto a caminho do alto mar?

No saco que segurava contra si pesava o romance que tinha escolhido naquela manhã na biblioteca. Porquê aquele e não outro? Talvez por causa da sua capa elegante. Ou por causa do seu título misterioso. De repente, impaciente por o descobrir, Suzanne sentou-se num banco e começou a ler o primeiro, depois o segundo, depois o terceiro capítulo de *Cockpit*. Cativada pela história de Alice, que lhe parecia uma espécie de irmã cujo destino oscilava quando encontrava Vincent, um piloto de companhia aérea, Suzanne virava as páginas cada vez mais depressa. Como é que um livro podia fazê-la esquecer a vida que passava ao seu lado?

Como é que um livro podia ter tal efeito sobre ela? Seria isso então o poder das palavras de que alguns falavam? Suzanne invejava Alice, a quem Vincent contava as suas viagens com um sorriso. Rio de Janeiro, Papeete, Cairo, Chicago... Ele discorria sobre algumas das cidades onde o seu avião tinha aterrado, e, invadida por um mundo colorido que até ali lhe era desconhecido, Suzanne, ao mesmo tempo que Alice, imaginava as montanhas douradas, a areia loira e os mares turquesa.

Fechado o romance, Suzanne sentiu-se mais leve. Existiam então, do outro lado da Terra, paisagens maravilhosas. Talvez ela nunca viesse a ter a sorte de as admirar. Que importa, já que os escritores tinham o poder de a fazer viajar tanto e tão longe quanto ela quisesse.

Arnaud Guillon com Nathalie, Muriel, Karine, Mira, Aimée
Tradução de João Rodrigues
Ilustração de Dominique Scaglia

FOI ASSIM QUE CONTY ME FOI CONTADO...

Era uma vez... há quarenta e cinco anos viviam ali «os meninos da Lua». Um circo com uma grande tenda, próximo do rio Selle, na Rua dos Pântanos, mais precisamente. Conty é uma grande povoação, de cerca de 2000 habitantes, a 20 quilómetros de Amiens.

Chegado de comboio dos meus arrabaldes parisienses para fazer um ateliê de escrita, um dos responsáveis da «Leitura Furiosa» depositou-me à entrada de um lugar onde um grande letreiro dizia «Os Ateliês do Vale do Selle». Calhava bem pois eu ia fazer um.

Acolhido pela formadora da associação «Le Cardan» que orienta e ajuda, durante todo o ano, pessoas zangadas com a leitura e com a escrita, e depois das apresentações aos participantes aqui abaixo citados, eles fizeram-me descobrir um lugar magnífico, ou melhor, e a palavra não é excessiva: mágico.

E desejo vivamente a todos os que lerem este texto que passem por lá! Os pôneis, primeiro os cavalos, enfim, dir-me-ão que isso é normal, no Vale do Selle: sela de cavalo, cavalo de corrida, corrida pedestre, pezinho de porco, porco de quinta... Há um também.

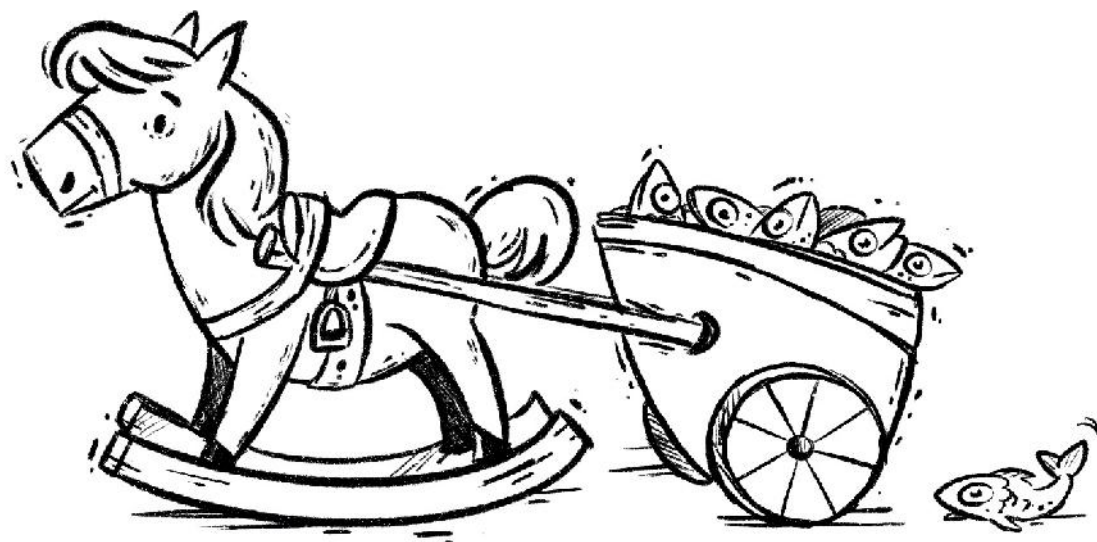
As corridas de carruagem e a equipa local campeã do mundo em 2011; os espaços verdes e as represas; a carpintaria onde se fabricam cavalos... de baloiço; o Albergue das Duas Margens, o restaurante de cozinha requintada dirigido por Nicolas e Manu; os carrinhos puxados por cavalos de tiro nos quais se entretêm as crianças.

E depois, de passagem, maravilhando-me, uma e outra pessoa segundo a sua função, o seu trabalho, e feliz por mo apresentar, recolho algumas memórias e não das pequenas. Aquele tinha no seu portfólio a fotografia do seu cavalo, Grisbi, falecido há alguns anos, e não se podia tocar no Grisbi, nem pensar. Este outro falou-me da Estrada dos Peixes, onde as carroças que partiam de Boulogne sur Mer para chegarem a Paris em 24 horas, carregadas de peixe em geleiras, faziam uma paragem. Um outro ainda confiou-me que a sua maior alegria foi ver nascer um pintainho e a sua maior pena ver morrer o seu cavalo preferido. Por fim, esta outra, uma palafrequeira que vê relâmpagos nos olhos dos cavalos: – Isso vê-se quando ele vai pregar-te uma partida... – Como? – Ele baixa a cabeça e hop! Dá-te um golpe de anca! E tu vês as estrelas...

O que me trouxe de volta aos «meninos da Lua», e a perguntar-me se não seriam estes, sem serem os mesmos, agora crescidos.

Então, estão a ver, todas estas pessoas, os zangados com a leitura e com a escrita, eu adoro-as. Pois, como não diz a canção de Jacques Brel: «Em casa destas pessoas, meu caro, a gente não se lamenta, não nos lamentamos, não... Vamos em frente!»

**Alexandre Duval com Pascal, Amélie, Eulalie, Amanzo, Antoine, Bernard, Jean-Philippe,
Julie, Emmanuel, Aline, Jean-Pierre, Maxime, Eva
Tradução de João Rodrigues
Ilustração de Leslie Dumortier**



VIDEOCONFIDÊNCIA

Talvez-de-certeza-a-presença-mesmo-à-distância.



Não te conheço, mas o que é que isso tem, se mesmo a mim não me conheço bem?

No dicionário, as palavras não me aquecem nem me arrefecem. Vindas de ti, congelam, derretem, voltam a congelar o que dizes e o que não chego a dizer. O que vale é que o silêncio é tudo numa palavra só. Mais, a palavra silêncio nem tem de ser dita. Sem falar, o meu silêncio diz coisas diferentes do teu, estás a ver? É um lugar comum: as palavras são dispensáveis. Mas como pensar ou imaginar coisas pensáveis sem palavras? As palavras são irrisórias, desistes tu. Mas guardam-te memórias, lembramos nós. As palavras são ilusórias, insisto eu. Mas elas contam-te histórias, rematais vós. Nisto, estaremos matematicamente de acordo: histórias, convém contá-las sempre, não vá faltar alguma.

Nunca me contaram histórias, mas eu contei-as ao meu sobrinho, rodeado de medo por todos os lados. A mim, contou-me o meu pai uma história sobre animais. Na noite anterior tinha-os deixado escapar com vida. Naquela noite, porém, matou-os ali mesmo à minha frente e logo ao começar. Talvez estivesse cansado e quisesse adormecer antes de mim.

Comigo foi diferente, estava na praça. Morto de medo no meio de pombas vivas. E eu de pão cravado na mão. Fui salvo não sei como, sei por quem. Por quem haveria de ser?

Para mim, histórias, todas, menos aquilo d'As Viagens na Minha Terra. Não se comparam às viagens na minha guerra. Os Maias, isso sim. Não me importo que me odeiem por gostar dos Maias.

Olha lá:

E aquela história da Jardinagem? Sempre que me vinham com essa história, tapava os ouvidos.

E aquela história da Viagem? Conto-a de vez em quando, foi há muito tempo, parece que foi ontem.

E aquela história da Liberdade? Quando a conto acrescento um ponto antes que mo tirem.

E aquela história da Proibição? Permitem-nos contá-la pelos dedos, desde que não toquemos na ferida.

E aquela história da Angústia? Só a ouve quem a conta e quem a conta não consegue escutá-la.

E aquela história da Saudade? É contada à distância, quando lá chega já nem se ouve e volta em silêncio.

E aquela história da Desilusão? Não vale a pena contá-la, ia desiludir-me de novo.

E aquela história da Esperança? Não se sabe como começou nem como acabou, sabe-se que foi a última a morrer.

E aquela história da Raiva? Conte-a a um cão e nem ele acreditou.

E aquela história da Compaixão? Não falta gente a contá-la e sobra gente a ouvi-la.

E aquela história do Despertador? Maldita campanha que acorda a consciência antes do corpo.

E aquela história do Medo? Não, essa não. Não devias ter falado nela. Agora não consigo adormecer.

Então vou contar-te a história do Senhor Alívio.

O Senhor Alívio tinha queixos grandes e queixas ainda maiores. Passava os dias úteis aliviando toda a gente e mais alguém. E, os inúteis, a fazer sabe-se lá o quê, diziam as más línguas. À segunda-feira, Alívio dava corda às pernas e começava a esticar os braços. Durante a semana, crescia em altura e largura para chegar a tudo e a todos. À sexta, recolhia o corpo espalhado e flácido, encolhendo de novo. Uns viam nisto uma coisa sem pés nem cabeça. Outros viam naquilo uma coisa com cabeça, tronco e membros. O que Alívio ali via, não se sabe, mas não desistia. Era um grande senhor, mas, para sua mãe, seria sempre o pequeno Alívio. Ao sábado, uma sopa de mãe matava-lhe a fome de leão. Ao domingo, uma festa de mãe no cabelo, dava-lhe a força de Sansão. E de novo segunda e mais terça e assim por diante.

Ainda hoje, morto de cansaço, Alívio renasce uma e outra vez no regaço da mãe.

E a mãe, que trouxe Alívio ao mundo, está sempre ali, vocês sabem bem onde.

Emílio Remelhe com João, Duarte, Manuela, Fábio, Apolinário, Rui, Fernando, Barros, Miguel, Mário, Alfredo, Ricardo, Pedro, Cadete, Teófilo, Helena, Vítor e Paulo Almeida e Daniel Oliveira na Comunidade Terapêutica Ponte da Pedra Ilustração de Daniel Silvestre

GEORGETTE DESENRAÍZA-SE¹

General da Brigada da apanha de folhas, Frédéric concorda: Esse trabalho revela-se, frequentemente, complicado e até árduo. Não que seja rotineiro, nem coisa parecida. Assim que chega o Outono, a cavalaria ligeira da apanha, munida das suas lanças sibilantes, tenta levar a cabo a tarefa. Mas os ventos maus e contrários contrariam-nos; as folhas, teimosas e encorajadas pelos elementos descontrolados, muito maus conselheiros, espalham-se e recusam-se a seguir as directivas enunciadas pelo general Frédéric. Põem-se em fuga, as sacanas, para se amontoarem, aqui e ali, onde bem lhes apetece. Ele bem podia praguejar, fulminar, berrar, insultar, de nada adiantava. E quando chovia, ainda era pior. Aquelas folhas tontas já não se queriam mexer.

Vais ficar sem as tuas nervuras, sua besta vegetal! gritava o general Frédéric com uma voz de estentor, a uma delas. (Dir-se-ia o Joachim Murat na batalha de Marengo a 14 de Junho de 1800.)

Não me vou mexer, seu machista medieval odioso!

E permanecia colada ao asfalto como uma tenca de quatro quilos no lodo.

«As folhas só prestam quando estão nas árvores, em casa delas», ruminava ele.

«Assim que conquistam a liberdade, são umas chatas!» Apesar das suas considerações politicamente incorretas, o general gostava muito delas, das folhas. Não era raro ele surpreender uma a chorar no passeio, desgostosa por lhe chamarem «folha morta». Debruçava-se sobre ela e ouvia-la murmurar.

Não quero deixar-me apanhar, estou viva e cheia de esperança. Muito mais viva que o Prévert e o Kosma e as suas malditas canções. Eles que tentem apanhar-me à pazada! Saberei como acolhê-los.

A Georgette passeava-se, era uma folha de carvalho e tinha a sua personalidade. A sua melhor amiga, Catherine, era uma salada, uma folha de carvalho, uma loira platinada que era capaz de se tingir de vermelho quando sorria. Um fenómeno, uma excêntrica. Graças a uma Festa de música, o general Frédéric encontrou-as, de manhãzinha, defronte de uns copos. Pensou para consigo que elas deviam refrescar-se com copos de orvalho. De orvalho? Nem penses! Vinho rosé, isso sim!² Rosé Tavel. Georgette e Catherine já não se aguentavam de pé. Podres de bêbadas. Chamou de imediato a sua cavalaria ligeira que se apressou a colocá-las no saco de sobriedade. Aí dentro, Georgette desenraizada, manifesta-se para que a libertem das suas correntes e do seu carvalho. «Aquele chauvinista grisalho e peludo como um fauno que sonhava que me iria reter toda a vida nos ramos dele. Nós somos folhas livres e independentes. Vamos dizer-te das boas!» Incomodado e estupefacto por tantos slogans, o general Frédéric deixou-as partir de braço dado, numa manhã cheia de rosé... oups... de orvalho.

Philippe Lacoche com Caroline, Évelyne, Florian, Frédéric, Jacques, Thibault e Yoann

Tradução de João Pedro Bénard

Ilustração de Dominique Scaglia



¹ *Déchêne*: trocadilho *déchainer* (soltar) e *chêne* (carvalho).

² Trocadilho entre *rosée* (orvalho) e *rosé* (vinho rosé)



No Safran, esta manhã, estava-se no camarim.
Soubemos pela Eva, não tínhamos percebido.
Vimos o teatro: havia pessoas a trabalhar lá.
E depois a sala de dança, e uma exposição
Que se chamava «Segundo Sopro» e que tratava de desporto
E era muito bizarro, ver todas essas bolas
Sem poder tocar-lhes, ou então, 'tavas morto:
Aurélien vigiava, e Hermine, e Thomas,
E a senhora da Cardan, que veio para a Leitura
Com aquele tipo engraçado, parece que é bretão.
Tomava nota de tudo, o tempo todo. Excepto quando não se dizia nada.
O Safran, era *cool*, mas encharcados como cães
Regressámos à aula, voltámos à escola,
O dia «Port'aberta», e tudo o que nele havia,
Mesmo um jogo de andebol, que não pudemos ver
Porque era preciso trabucar: há certos dias, tás p'los cabelos.

Somos do 6.º F. Nós somos uns SEGPA
Dizem que somos tontinhos, ou mesmo piores que isso.
APESG, é como a gente se vê:
«Aprendizagem, Partilha e Educação na
Solidariedade, na Generosidade»
E até se tirares duas letras, dá «PSG»!

³ Section d'enseignement général et professionnel adapté (Educação Especial/Educação inclusiva)

O camarim, estava-se lá bem, apesar dos grossos pilares:
Sofás, um frigorífico, havia tudo o que era preciso
Para a concentração antes de entrar em cena.
Mas havia também um belo cheiro a chulé.
Cheirava como os copos quando se provaram,
Às 11h da manhã, os crepes da cozinha,
Feitos por outros SEGPA. Eram super bons.
É trabalho manual, e quando é muito bem feito
Em qualquer área, toda a gente curte.
Então não digam que não prestamos para nada.
Olhar-nos do alto: veremos quem engana quem
Quando tiverem uma coisa para reparar lá em casa.
Uma manutenção a fazer, coisas que não funcionam,
Quando precisarem de mãos e de cérebros por detrás delas
Para vos salvar de apuros, nós estaremos sempre lá!

Não somos talvez artistas. Nós, somos SEGPA
Dizem que somos tontinhos, ou mesmo piores que isso.
APESG, é como a gente se vê:
«Aprendizagem, Partilha e Educação na
Solidariedade, na Generosidade»
E até se tirares duas letras, dá «PSG»!

Um texto em jeito de canção de Gilles Larher com Kelly, Lola, Nazhya, Bafodé, Diégo, Djibril, Livio, Mohamed, Muslem, Nassim, Nolan et Umaru, de la 6ème F, mais Thomas, Hermine, Aurélien e Thérèse
Tradução de Maria João Brilhante
Ilustração de Leslie Dumortier

TORRES

«Hoje é o presente, mas eu quero também falar do passado.» Logan, 16 anos.

Todos sabemos histórias de princesas aprisionadas em torres. E que são libertadas por cavaleiros, dragões adoráveis, príncipes valentes, miúdos giros, com o cabelo em crina e babuchas mágicas. Princesas espertas que acabam por encontrar uma chave ou escavar um túnel depois de levantar uma laje e que em seguida conseguem trepar uma nuvem para alcançar a lua antes de surfar nas estrelas.

Somos todos príncipes e princesas aprisionados em torres. Prisioneiros do passado e de ideias encaracoladas. Como nos livrar?

Sissi perdeu a mãe e a madrasta maltratou-a durante anos. Pancadas, bofetadas, insultos, tormento sem fim, abismo infinito, sensação de queda.

Kerfisse sente-se frustrado. Não chega a ser futebolista profissional para salvar a mãe que, na sua aldeia, não pode ser tratada.

A vida ao Abel parece-lhe vazia. Ele «marra em pesadelos». Com a frequente vontade de se jogar do alto da sua torre.

SK teve de sair do seu país e atravessar um deserto a pé. Achar-se num Zodiac com cinquenta pessoas em risco de serem engolidas por uma onda. Como Zara, que viu certos companheiros afogarem-se antes de ser salva por um barco humanitário. Porque sobreviveu quando tantos outros se afundaram?

Culpa, lutos impossíveis... Como esquecer Adaroé, morto aos sete anos?

Como esquecer aquelas noites sórdidas a dormir em caixas de cartão num país desconhecido...

Como sair das suas torres? Como fazer calar aquelas vizinhas que às vezes nos dizem: «Sou muito baixo, muito alto, muito magro, muito gordo, estou fora de moda, não sou nada engraçado... Ninguém gosta de mim!»



Encontrar as saídas de emergência. Romper com o círculo vicioso e subir os degraus. Olhar as nuvens e evadir-se. Tudo se pode ver numa nuvem: imagens que não têm de ter sentido: um cão que brinca, anjos que nadam ou mesmo zombies assustados que rezam. Também tudo se pode ver numa cara, se realmente a olharmos...

Fazer saltar os ferrolhos, ir em frente, ler, escrever, praticar desporto, fazer amor, fazer boa figura, sorrir ao contarmos connosco próprios, mas também com umas mãos estendidas, que aceitamos apertar, entrelaçar nas nossas, com o desejo de amar, de se amar, de saborear o momento como um presente cuja embalagem-surpresa desembulhamos a cada dia...

Pensar, também, nesta história verídica que nos vem diretamente de África:

«Uma jovem rapariga vende fruta numa pequena aldeia, para ganhar a vida. Um homem sorridente aproxima-se dela, numa tarde: “Compro todo o stock. Mas não quero saber do stock. Vim antes de tudo por causa de ti...”»

Isabelle Marsay com Abdelmalik, Inza, Mohammed, Zena, Salifou, Cissé, Anne-Flore e Joseph

Tradução de Cláudia Oliveira

Ilustração de Véronique Groseil

ESTOU ZANGADO/A!



Eu estou zangado/a com a minha caligrafia, com o giz a raspar no quadro, e as mais recentes tecnologias! Estou zangado/a com os signos, e o barulho do exaustor, e a minha sobrinha a fazer birra! Zangado/a por o bebé estar a chorar, e o gato andar na vida vadia, e porque deixaram a chávena por lavar todo o santo dia!

Eu estou que não posso porque me responderam torto, porque a meio do banho a água ficou fria, e acabou-se o gás e a massa ainda estava crua! Só me acontece a mim: digo alhos, respondem bugalhos, e ainda me olham de lado, e ainda me põem na rua!

Por que é que não ouço o despertador, e o telemóvel cai no bueiro, e os peixes precisam de tanta espinha? Há um balão a estourar, e este irritante cheiro de cominhos na cozinha!

Depois falha a luz e os congelados vão à vida, limpo a banca e alguém pousa logo uma colher suja, e lá estão a berrar os putos, e ao meu lado está um fulano a estalar os dedos há bem cinco minutos!

Eu não posso com os meus dias cheios de alergias e mais

aulas de informática, e gritarias e batatas cozidas e máquinas escangalhadas, e papéis de rebuçado para deitar fora, e gente a ressonar, e o relógio sempre a dar a hora!

Ai que raiva, e que fúria, que nervoso miudinho, não saber como acaba a novela, e toda a gente ir tomar banho e deixar a roupa pelo chão, e mais o cheiro a cebola, e o carro que não pára de apitar, e a calça rasgada daqui até aqui, e o último iogurte, e se põe a máscara é porque põe e se não põe é porque não põe, e o garfo no prato, e o tiquetaque toda a noite a cantar, e de cada vez que visto uma peça de roupa vermelha é certo e sabido que vai haver azar, e quando se parte um prato quer dizer que estão a falar mal de mim, e estou zangado/a porque as natas tostaram, e a travessa caiu, e estou zangado/a por estar zangado/a, zangado/a comigo e contigo, com todos e com ninguém, e desculpem qualquer coisinha, mas pronto, era só isto que eu queria dizer, já me sinto de novo bem.

Pedro Eiras com Alexandra, Cristina, Jorge, José Luís, Lurdes, Madalena, Maria, Paula, Tânia, Vaninha, e com Margarida, João, e Paulo João Barrosa na Qualificar para Incluir
Ilustração de Paulo João Barrosa

É ASSIM QUE HABITAMOS O MUNDO

(Título do livro em cima da mesa, de A. Serres e N. Novi)

Aos gritos de alegria antes de embarcar sucedeu-se um profundo e pesado silêncio.

O comandante de bordo anunciou o seu plano de voo, as hospedeiras deram instruções para o uso do colete salva-vidas. Fazia bom tempo. Tudo levava a crer que chegaríamos a bom porto.

Estávamos agrupados no último terço do avião. Os mais pequeninos tinham caído num sono profundo, abatidos pela excitação. Cada um de nós, jovens e menos jovens, absorto nos seus pensamentos. Esta viagem de avião lembrava uma outra com destino a França, dolorosa para muitos de nós, não por opção, mas por obrigação. Mulheres maltratadas, casadas à força, homossexuais perseguidos, refugiados políticos, casados que vinham reencontrar a sua metade residente em solo francês: cada um tinha a sua história, as suas cicatrizes, aquilo que deixava lá em baixo, no seu país, fosse de onde fosse, de Angola, do Congo, da Argélia, do Senegal ou, daqui, de França. Perguntava-me no que estariam a pensar a Hélène, Annie, Laurence e Cécile, franceses, como eu, ao contrário dos nossos outros companheiros e que apoiaram esta louca aventura de ir viver para a ilha Honoré, perdida num arquipélago no meio do nada e da qual omitirei a localização exacta. Uma dezena de encontros foi necessária, pois que não nos conhecíamos, ou muito pouco, de modo a levar a cabo este projecto insano, saber onde aterrariamos, o que faríamos, o que levaríamos. Não houve *brainstorming*, estávamos todos de acordo quanto ao nosso objectivo: viver em paz, em serenidade, com amor e solidariedade no meio da natureza, na floresta e à beira-mar. Uma floresta de grandes árvores, um mar liso e azul. Hélène, a primeira, topou com o que lá faríamos, ou seja, nada, o que é muito e nos agradou. Foi complicado com as bagagens. Ficou decidido que cada um levava um único objecto. A

dúzia minuciosamente escolhida deveria permitir sermos autónomos. Recusámos a ideia do Daniel e do Aïssatou de levar água, da Avina, de levar comida, ou ainda da Jessica e do telemóvel para alguma urgência com bateria até três dias! O Daniel conteve-se, sugeriu uma bússola, Davina, a bíblia. Cécile e eu, uma faca, Hélène, fósforos, Amina, tecidos, Annie, uma faca, Laurence, papéis e lápis. À Sylvie, a nossa preferida curadora congoleza, foi concedido levar uma bacia para as inalações, uma manta, as suas plantas e poções, sem esquecer o Vaporub e as receitas da avó. Aïssatou teve a brilhante ideia de um saco para levar os nossos tesouros. Além dos objectos, decidimos por unanimidade levar risos e bom-humor. Leïla juntou-lhes amor. Antes de partir, fizemos uma grande fogueira. Para onde jogámos os maus espíritos, a inveja, a precariedade, a indiferença e o stress.

A voz do comandante soou. Entreolhámos-nos, mal nos atrevendo a sorrir: «Senhores passageiros, vamos iniciar a descida, peçovos que ponham os vossos cintos.»



Sylvie Payet com Annie, Laurence, Hélène, Cécile, Sylvie, Davina, Jessica, Daniel, Sofia, Aïssatou e Leïla

Tradução de Cláudia Oliveira

Ilustração de André Zetlaoui

OUVE-SE O QUE SE QUER OUVIR



Disseram-me que viesse e vim.

Não me disseram nada e também vim. Não me fui embora porque tenho medo.

Tive um medo que ainda cá está. Deitado no chão com a cabeça apoiada nos meus sapatos. Põe-me os pés quentes. Estes pés que não se hão-de ir embora. E vejo na televisão pessoas que pegam numa mochila e viajam, viajam, viajam. Como é que se lhes chama? Não sei, de qualquer maneira, nunca chamo quem não conheço.

Integro-me... devagarinho.

Vim porque sou tímida e não sei se quero continuar a ser. Então vim para ver como se é quando não se é tímido. Por enquanto, digo que sou tímida e tomo a palavra em público. E falo e volto para o meu lugar timidamente.

Com um sorriso radioso e o meu orgulho escondido pelos cabelos. Pelo baixar dos olhos.

Integro-me... muito mais.

Acho que para nos integrarmos temos de nos desintegrar. Ou perdemos a integridade, ou passamos a ser partículas mais pequenas e energia. Ou então as duas coisas.

Cheguei desintegrada, com os olhos salgados de lágrimas da sua violência.

Cheguei a um bloco de betão baloiçando no oceano. É preciso encontrar ar, um ar de família para nos integrarmos.

Aquele que se toma por superior, vai ao fundo, aquele que se julga inferior, precisa duma alavanca e dum parafuso de Arquimedes.

Diz-se desta coisa que é um mal por um bem. Eu cá trocava o mal, o macho⁴, por uma pessoa qualquer que valorize mais.

Integro-me... apaixonadamente.

A vida é um jogo arriscado. E para controlar o risco, temos de planificar, prever. Tem de se prever o jogo da vida, ter um plano B. A vida, esse jogo minado. Gosto de controlar tudo e constato que a vida só raramente coincide com as minhas previsões. A vida é uma lotaria onde há um preço a pagar, seja em amor, em esforço ou em conforto. Para me integrar, trocava metade dum amor violento por um conforto moderno. Para viver sossegada, trocava o mal que me fizeram por uma mão-cheia de perdões. Perdoar é poder continuar a amar-se. Não trocarei nunca o meu rancor por uma vida de perdões. Não entro nesse jogo.

O jogo do poder, da dominação.

Integro-me... loucamente.

Saber mudar de país, deixar uma vida de família real e encontrar uma prima virtual. Tem-se medo do desconhecido. Integro-me e adapto-me num meio desconhecido. Adapto-me à cultura dele e peço ao outro que se adapte à minha cultura. Temos de fazer adaptações diferentes, temos de as fazer todas.

Temos vontade de fazer o que é proibido. Gostamos de pôr as proibições nos interstícios da vida.

Integro-me... mais que tudo.

Às vezes perdemo-nos na cultura do outro. Do outro país. Se o outro não é um alguém aberto, bem podemos fazer o que queremos, não haverá integração.

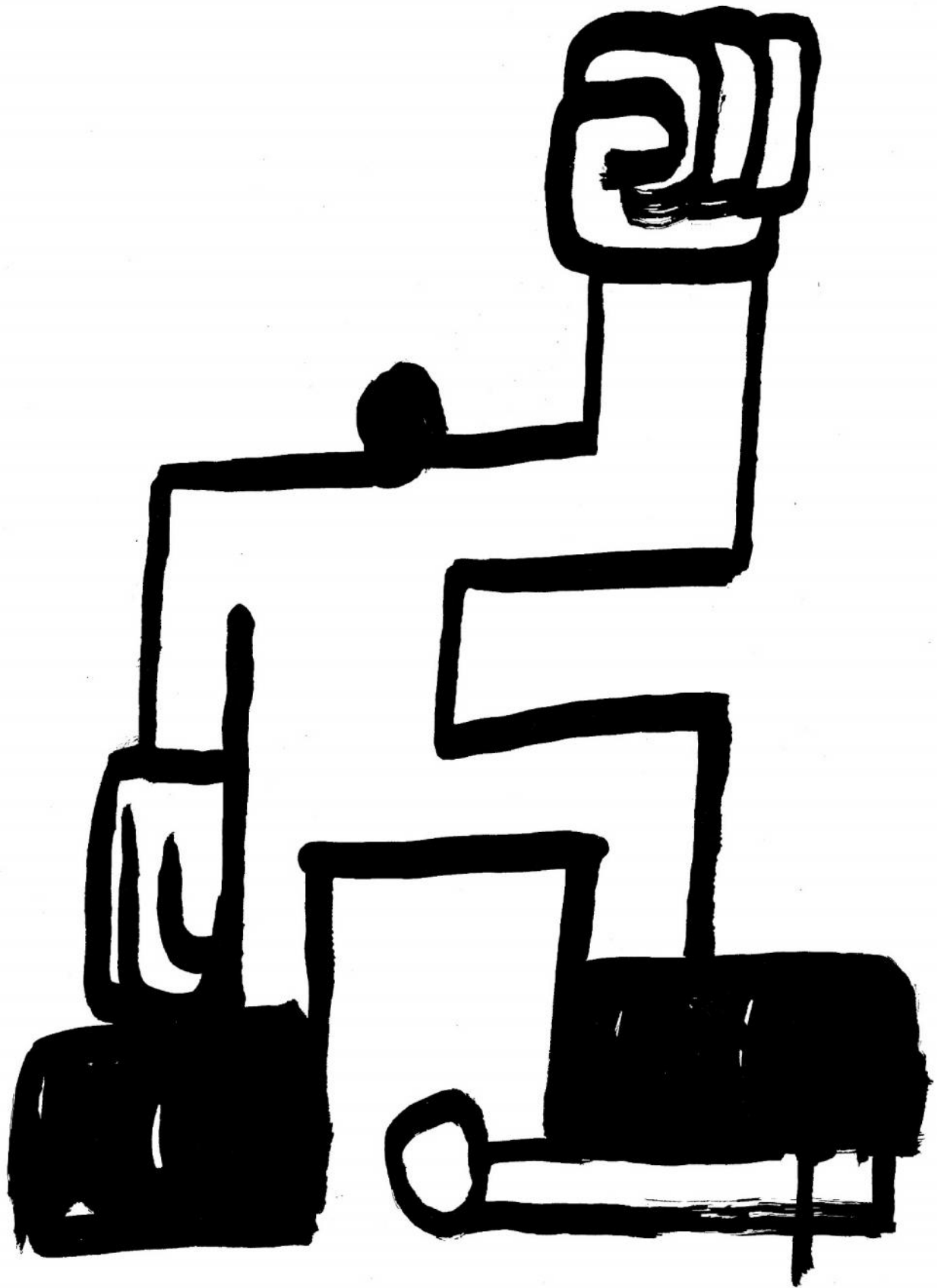
Integro-me... mesmo nada.

Luiz Rosas com Helene Pettenuzzo, Jennifer Delavier, Julieta Jimenez Dayoan, Margot Elkhoury, Mauricette Merzi, Natnael Gelorehiwet, Sisna Tova Obondo, Yolande Deguenon na AEFTI (Associação para o Ensino e Formação dos Trabalhadores Imigrantes e das suas famílias - Saberes e competências) - Faubourg de Hem - Amiens

Tradução de Eduarda Dionísio

Ilustração de André Zetlaoui

⁴ Em francês, *mal* (mal) e *mâle* (macho) dizem-se quase da mesma maneira. No texto francês, *mal* não está repetido. É um jogo de palavras.



<i>esta</i>									<i>de emoção.</i>
<i>corda</i>									<i>geme</i>
<i>dá a mão</i>									<i>corda</i>
<i>ao muro.</i>									<i>esta</i>
			este é o toldo. os vizinhos de cima lançam beatas para						
									aqui,
		pode							é
		haver							melhor
		fogo	(beata 1)						não
	ou,								o
	sei lá,					(beata 2)			deixar
	essência								estendido.
de gaivota.									

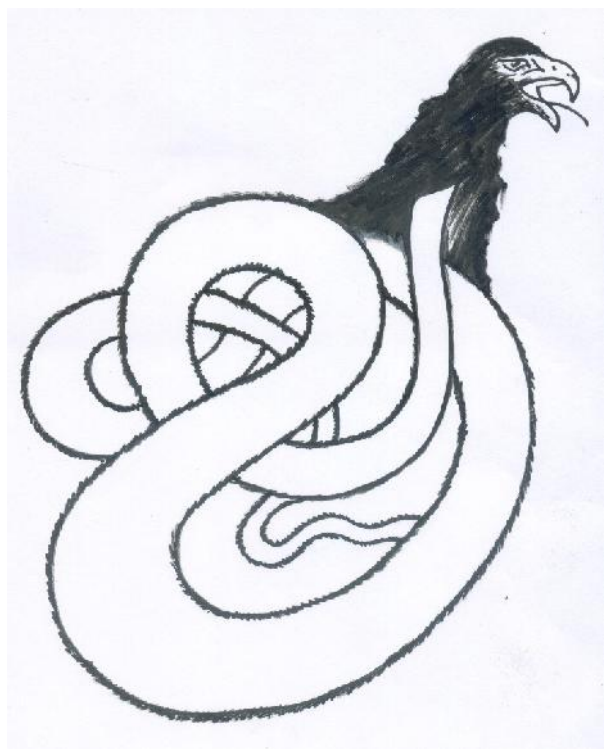
e esta é a sombra. nós estamos mergulhados nela, sentados em cadeiras. a sobrinha da sofia acha-nos animais estranhos; ela estava no parque biológico quando disse isto, cercada de bichos exóticos em vitrines. talvez o reflexo de calças em pernas ou de relógios em pulsos a tenha apanhado de surpresa. como ver a lua cheia a brilhar detrás da lona duma tenda, aquele círculo encandeante a surgir detrás da colina escura e, que arrepio!, é um ovni!; ou ouvir o vento no vale da montanha e pensar em cães selvagens; ou ver duas pessoas, uma exactamente atrás da outra, e estacar no passeio porque está ali um homem com duas cabeças e quatro braços. um daqueles truques que abre uma porta para o outro lado. (pausa) esta é a sombra. é como um manto que refresca, tanto mais num dia assim, de espadal e festa. nós despimos os casacos e curvamo-nos para tirar o sol da cara. calculamos o amanhã em função dos ontens atolados e das pragas recém-chegadas e do clarão do meio-dia; a soma parece-nos um bocado quente demais. então, desatamos as senhoras das cadeiras e fazemos-lhes carinhos, festinhas, e a coisa já parece mais fácil de levar. depois, entrançamos as cordas em bordados coloridos, algo reminiscentes dum tapete de arraiolos, e as senhoras começam a sorrir, com os dentes todos lá. por fim, chegam tabuleiros com bules e bolos, e o pátio transforma-se num autêntico salão de chá. (pausa) como disse, aqui fica a sombra. uma pequena noite improvisada com vista para o dia; e para a rua da alegria, onde jovens membros de gangues se pavoneiam com caçadeiras e deliberação assassina. são quase todos antigos alunos de belas artes, corrompidos pela paixão por tascos: primeiro foram os dardos, depois o snooker, e em poucos meses deram por si a atirar corpos de investidores imobiliários para o douro. quem diria, estudantes de escultura, sem motivo aparentemente nenhum. eu sei disto porque o ouvi no 401. (última pausa) antes que levantem o toldo, ou que as cordas sucumbam à emoção, aqui temos um último vislumbre da sombra. começamos a levantar-nos porque já passa da hora. o abrigo fica nas cadeiras e a conversa fica em nós, como arroz nos degraus duma igreja. eu sei que isto não tem muito a ver, mas no último cortejo de carnaval em Évora, a banda e os bombos e os putos e os adultos foram seguidos por uma equipa de 20 varredores que, de vassoura e saco em punho, sempre a uns 2 metros do cortejo, apanhavam os confetis ainda antes deles aterrarem no chão. se o João aqui estivesse, talvez dissesse que isto é conversa de café; e eu teria de lhe dar razão. mas, e daí, porque não?

Miguel Jaques com Ana, Carlos, João, Joaquim, Osvaldo, Sofia, Filipe e Susana na Qualificar para Incluir
Ilustração de Bruno Borges

ESCUTEMOS O MIMO!

É fixe a Leitura Furiosa! Estamos como que entre amigos para encontros originais... Pudemos ver de manhã um espectáculo de teatro com uma comediante «cartoonesca», a menos de um metro de distância, que nos divertiu a valer! Para alguns, foi a primeira vez que assistiam a uma representação! Depois, fomos passear ao Crotoy, devíamos visitar uma galeria de arte que infelizmente só abria ao fim-de-semana... Que pena! Mas, nada grave, fomos passear na praia aproveitando a acalmia das chuvas e, entretanto, apanha de conchas, seixos, fotos de grupo, discussões sobre os mariscos e o nome de pássaros como a Torda-anã, o Airo ou a Mobilha-pequena! Podemos, ao que parece, insultar-nos com nomes de pássaros... Já sei para quem guardar estes insultos... Também falámos da chuva e do bom tempo, é assim entre amigos!

É simpática a Picardia, o sol calmamente se verte em chuva... De onde venho é antes lágrimas em gritos... Lágrimas de raiva e gritos de aflição, a menos que seja o inverso... O meu país é a Ucrânia, e fugi da guerra, da verdadeira... Como nos livros de História, daquelas guerras que marcam para sempre as memórias... Como esquecer? Então já contei a minha história, a minha incompreensão perante este



drama e a minha ira. Os amigos ouviram-me em silêncio, cheios de compaixão. Ouvimos a Bárbara cantar a perda de todos os «Perlimpimpins» que acompanha todas as guerras e a infância assassinada...

Basta um indivíduo nos mentir e tudo se despovo! Vejo as notícias na TV e nas redes sociais.

Lá está o triste ditador, o vai-à-guerra, falastrão, cheio de si mesmo, que fala, que mente, que mente, que fala... E, num canto do ecrã, há esta personagem que traduz em linguagem gestual o que diz o ditador, a voz cortada como a de todos os oprimidos, todas as vítimas de guerra. Por vezes sonho que este mimo nos revela a verdade, de que não devemos acreditar na propaganda, que ele nos mostra o caminho da paz e da felicidade...

É fixe a Leitura Furiosa! Todos nós fomos esmagados pelo destino, a vida, a guerra ou a miséria... mas todos, esperamos, aguardamos que o mimosinho reganhe a sua voz e, nesse dia, não será para a grande noite que ele nos vai convidar, mas para o Dia da Claridade.

*Quando todos os famintos
E todos os oprimidos
Ouvirem todos o apelo...
O grito de liberdade,
Todas as correntes partidas cairão pela eternidade!*

(Graeme Allwright)

Escutemos, então, o mimo!

Patrick Poitevin-Duquesne com Fabien Baudry, Mareim EljirariKeskin, Blandine Husson, Tania Kolrsnyk, Yvonne Lecat, Gaëtan Montflier e Martine Perimony

Tradução de Cláudia Oliveira

Ilustração de Véronique Groseil

TEXTO E TEXTURA

Ao bordarmos uma intriga, damos forma ao tecido da ficção. O mundo da moda e o da escrita não são alheios entre si. Texto e textura. Um único traçado: o estilo, ou seja, resumindo, a invenção de uma liberdade. É o tecer das palavras que faz o motivo de um romance ou de um conto. Ao leitor cabe puxar o fio! Escrever é coser umas às outras palavras que se amam.

Balzac dizia que os pintores só deviam pensar com os pincéis de mão. Cervantes só pensava escrevendo: é a definição do romancista. Pode-se, parafraseando Hölderlin, alegar que Balenciaga viveu para defender uma forma: esta a definição de um artista. Uma só agulha fixa, ainda: o estilo. A padronagem para um costureiro é o mesmo que um plano para o romancista. Resta, para ambos, o corte. Etapa fundamental. Cortar, montar, fazer nascer uma forma, sempre.

Os costureiros sabem o que é um fio de trama e um fio de urdidura (o primeiro é posto na largura, o segundo, no comprimento); os romancistas multiplicam os fios da trama da sua narrativa em todo o comprimento para obter um tecido de intrigas, o mais amplo possível. O leitor, então, pergunta-se: o que é que se está a tramar?



Em suma, um romance é mau quando se desgasta até à trama, ou, dito de outra maneira, quando se acaba por ver todos os fios que se cruzam. Noutras palavras, uma intriga só está bem cosida quando os seus fios estão bem disfarçados.

Dar forma a um tecido equivale a contar uma história. Vestir uma silhueta, vestir uma mulher (esta situação, por si só, intriga-me desde logo, devo confessar), é contar a sua história, ou pelo menos, adivinhá-la, supô-la. Um grande costureiro é um romancista. Balenciaga era um romancista de primeiro plano, armado não com uma caneta, mas com uma régua de costura.

Vestir uma mulher é torná-la num personagem. É altura, aqui, de citarmos alguns outros grandes costureiros: Antoine Watteau, Jean-Honoré Fragonard, Édouard Manet. Todos eles «modelaram» as vítimas das suas fantasias.

Só se deve acreditar na ficção: só ela diz a verdade. Um vestido bem talhado não engana, diz a verdade de uma mulher. E acreditamos nisso, sem sermos enganados por um artifício. O que é a moda senão essa coisa da qual temos de nos apressar em falar antes que passe?

Gosto muito da definição de «damasco»: tecido de seda monocromático com armação acetinada caracterizada por um contraste de brilho entre o fundo e o desenho formado pela tecelagem. Isto resume tudo. Atentem nas palavras: «armação», «brilho», «fundo», «desenho», «forma», «tecelagem». Contêm tudo o que acabámos de falar. Um texto de ficção é, de facto, um contraste de brilho entre o fundo e o desenho formado pela tecelagem das palavras. É a textura da verdade.

Vincent Roy com Yasmine, Léo, Mahaut, Maë, Sawsane, Florine, Sloane, Anaïs, Leyla, Yanis, Inès e Marco

**Tradução de Cláudia Oliveira
Ilustração de Veronique Groseil**

DO SILÊNCIO À PALAVRA

Começou com lábios cerrados, olhares entre a ligeira preocupação e a curiosidade. Esperamos pelos retardatários em silêncio. Não um silêncio embaraçoso, mas um silêncio de discrição. De cortesia. Há um provérbio que diz que a cortesia é a nobreza dos pobres. O ser humano é pudico, muito... Então, quem? Bom, Nordine, Aboubacar, Khadija, Irène com o bebé na barriga, Ahlam, Fathia, Hajar, Soraya, Mary-Israël, Marius e depois Fatima e depois Christelle, as duas formadoras... Marrocos, Djibuti, Kuwait, Nigéria, Costa do Marfim, Portugal. E depois, após as apresentações e a evocação dos contos das Mil e Uma Noites, instala-se a partilha. Toda a gente se envolve, toda a gente se escuta. Mesmo os mais tímidos dos tímidos, mesmo os que não falavam ou falavam pouco. Quase não demos pela chegada da chuva. Uma chuva muito regular, uma chuva muito forte, daquelas que limpam o asfalto... E ali, atrás das janelas onde se agarram as gotas de água, as palavras... Descobrimos primeiro que a maioria tem estudos superiores e que a muitos deles foi concedido asilo.



Khadija participou na criação de um ballet na Dinamarca, elogiado pela rainha que tinha vindo para a ocasião. Irène, cristã, diz sobre o marido, muçulmano: «Eu e o Kamara passámos a infância juntos...» Nordine, o cabeleireiro com dores nas costas, nas mãos, nas pernas, à noite após o dia de trabalho, que tem três filhos, a sua alegria, com quem pretende passar mais tempo, e Aboubacar, que estudou durante sete anos no Cairo, levantaram-se muito cedo hoje de manhã. A primeira oração foi às quatro e quinze. Mary-Israël, sorriso em forma de homem, que contou a história bíblica de Jonas, fugiu do seu país por causa da rejeição da sua religião. Soraya juntou-se aqui ao marido com o seu bebé, que ainda não tem um ano. Hajar, mãe de dois rapazes, que trabalha como intérprete, ouve a história de Fathia, que veio para França tratar duas das suas filhas, gravemente doentes. Depois de quatro meses em coma, a mais velha das duas, com quem ela estava todos os dias até à noite, ao voltar para o hospital no fim-de-semana, a pé por não haver autocarro, morreu. Tinha 23 anos. Fathia lavou-a. Ela diz: «Foram simpáticos no hospital.» Marius, que tem tido sérios problemas de saúde, concorda. Os seus mais velhos, na Turquia e na Rússia, são médicos e ginecologistas. Mas os mais novos, 4 anos, 7 anos, sentem a falta da mãe... Hajar, ao lado, contém as lágrimas, Ahlam levanta-se e retira-se. Fathia, mãe-coragem, tem a sua outra filha, 11 anos, também doente. Ahlam regressa, senta-se e despeja o saco, o dela e o dos outros: a dificuldade do exílio, a infelicidade do exílio, a solidão dos exilados, chora, pede desculpa e diz as palavras que exprimem esse sofrimento. Qual das duas, Hajar ou Ahlam, pegou na mão de Fathia quando contou o calvário da sua filha há pouco... O silêncio e a voz de Nordine de repente: «Se quiseres posso tomar conta da tua filha, durante o tempo que for preciso...»

Valère Staraselski com Nordine, Aboubacar, Khadija, Irène, Ahlam, Fathia, Hajar, Soraya, Mary-Israël, Marius, Fatima e Christelle
Tradução de Joana Frazão
Ilustração de André Zetlaoui